

Entre as armas e as letras: imperialismo e nação na obra de Euclides da Cunha

KADMA MARQUES RODRIGUES

PEDRO VICTOR LIMA

RESUMO: Euclides da Cunha questionou as fronteiras entre civilização e barbárie, revelando como a dita sociedade civilizada poderia ser bárbara. Todavia, a análise euclidiana não consegue se desvincular de posições ditadas pela “civilização”, que, a partir de fundamentos “científicos”, justificavam os avanços imperialistas. Tal orientação deve-se, em grande parte, à formação do escritor, que, na Escola Militar, tivera contato com esse cientificismo e com um senso de “compromisso com a nação”.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides da Cunha. Imperialismo. Nação. Exército.



Between weapons and letters: imperialism and nation in the Euclides da Cunha's work

KADMA MARQUES RODRIGUES

Doutora em Sociologia (UFC, 2006), com estágio no exterior (Lyon/França), como bolsista do Acordo CAPES/COFECUB (2004-2005). É membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Estadual do Ceará (UECE). É Coordenadora do Escritório de Cooperação Internacional (ECINT), na UECE. Tem experiência na área de Sociologia da Arte e Sociologia da Alimentação.
E-mail: kadmamarques@yahoo.com.br

PEDRO VICTOR LIMA

Professor da Rede Pública Estadual do Ceará e Doutorando em Sociologia na Universidade Estadual do Ceará. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia regional e da literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: espaço regional, política governamental, literatura e religiosidade.
E-mail: pedrovictorlima@hotmail.com.br

ABSTRACT: Euclides da Cunha questioned the boundaries between civilization and barbarism, revealing how the so-called civilized society could be barbaric. However, the Euclidean analysis cannot detach itself from positions dictated by “civilization”, which, based on “scientific” foundations, justified imperialist advances. Such orientation is largely due to the writer’s training, who, at the Military School, had contact with this scientism and with a sense of “commitment to the nation”.

KEYWORDS: Euclides da Cunha. Imperialism. Nation. Army.

RECEBIDO: 23/02/2022

APROVADO: 31/05/2022

1 Introdução

Na produção de *Os sertões*, Euclides da Cunha (1866-1909) reclama para si um dever moral que ia de encontro às ações da República que outrora defendera com bastante veemência. Era necessário acusar os crimes cometidos em Canudos, apesar do tempo transcorrido entre a publicação do livro e o massacre da comunidade sertaneja (um intervalo de quase cinco anos). O tom de denúncia empregado por Émile Zola, na famosa acusação do caso Dreyffus, impressionara Euclides da Cunha, que o tomou como modelo (VENTURA, 2019). A campanha de Canudos lembrava “um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (CUNHA, 2016b, p. 34). Desse modo, o escritor lançava o seu “Eu acuso”. Uma acusação firme, na qual o autor procura marcar um posicionamento que fosse além do “refluxo para o passado” no qual se viram implicados os “fanáticos” da República e os do Conselheiro.

Euclides da Cunha assumia a defesa da civilização e do progresso, reunidos sob o estandarte da ciência. Em um primeiro momento, antes de ter conhecido a realidade de Canudos, quando ainda dava “vivas” à República, o autor entendeu a guerra sertaneja como uma possibilidade da combalida República renascer, “emergindo amanhã, rediviva.” Com o novo posicionamento, manifesto em *Os sertões*, esse ressurgimento ficaria para um futuro distante, quando as terras sertanejas fossem integradas à nação, sob o devido amparo da civilização e da ciência. A luta que promoveria essa recomposição estava longe de acabar. Diante disso, a matéria do livro e o brado acusatório de Euclides da Cunha mantinham-se atuais, posto que referentes a um conflito ainda em curso e que dizia respeito à toda a nação.

Em *Os sertões*, Euclides da Cunha tencionou exprimir o confronto como um fator intrínseco ao “homem” e à “terra” dos sertões. Não obstante a ênfase na luta, a posição do autor é a de alguém que busca, justamente, a ordem. Um ordenamento decorrente do sacrifício e da vontade quase heroica. Gilberto Freyre afirma que Euclides da Cunha “acrescento os sertões para sempre à sua personalidade e ao ‘caráter brasileiro”, tornando-se “uma espécie de mártir” (FREYRE, 1980, p. 04).

Euclides da Cunha “acrescenta” os sertões ao “caráter brasileiro”, tornando-o cognoscível para o restante da nação. Nesse sentido, o autor procura traduzir para os parâmetros cientificistas que inebriavam a dita “civilização” da época, a vivaz realidade que ele tão brevemente conhecera, mas que o impactara de maneira incisiva. Tem destaque, nessa interlocução, o conceito de raça, “o qual parece tornar possível apreender as realidades observadas” (SCHWARCZ, 2003, p.166). Decorre desse esforço de apreender a realidade, o “dualismo singular” apontado por Sodré (1984), de um autor que incorre em teorias vazias, a fim de explicar uma realidade tão vivamente descrita.

O presente artigo busca compreender como Euclides da Cunha inclui as “terras ignotas” de que trata em sua obra em um contexto de avanços da sociedade litorânea brasileira sobre os sertões e de disputas entre as nações imperialistas, que a partir do último quartel do século XIX, intensificam suas investidas sobre a África, a Ásia e a América Latina. Desse modo, procura-se compreender como o pensamento do autor se insere no raio de influência das dinâmicas política e econômicas globais, que, àquele tempo, se caracterizavam pelas disputas entre as principais potências industriais, em uma escalada de tensões militares. Nesse contexto, faz-se necessário, também, analisar o percurso formativo do escritor nas forças armadas, tendo em vista as características curriculares e ideológicas dessa formação nos anos finais do século XIX.

O ideário defendido por Euclides da Cunha prevê o inevitável triunfo de uma civilização que não abrangia as populações sertanejas, a não ser pelo signo da integração, visando “trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários” (CUNHA, 2016b, p. 496). Esse padrão de integração constitui um ponto central na análise euclidiana, pois apresenta um cenário abrangente, que não se encerra nos sertões, uma vez que contempla o projeto nacional defendido pelo autor, o qual tem como referência um padrão linear e global de desenvolvimento, calcado na ideia de progresso, que mobilizava grande parte da intelectualidade brasileira do início do século XX, a qual vislumbrava no primado da técnica e da ciência uma tábua de salvação para aqueles que estivessem fora do percurso “normal” de desenvolvimento (CARVALHO, 2017).

Esse modelo de incorporação constitui um importante ponto de proximidade entre o referido projeto defendido por Euclides da Cunha e o ideal de nação apoiado pelos militares, o qual, como aponta Domingos Neto (2019), baseia-se na defesa de um projeto hegemônico, a submeter as perspectivas discordantes. Trata-se de um padrão de inclusão forçado, garantido muito mais pelo fio da navalha do que pela promoção de direitos sociais. Euclides da Cunha, embora condene o massacre em Canudos, não descarta o papel dos militares como promotores de uma integração aberta pelas tropas.

Nesse contexto, cabe ressaltar que o foco da análise será a obra de Euclides da Cunha, tendo em vista, sobretudo, o texto de *Os sertões*. Não obstante, o autor produziu uma série de artigos sobre as disputas imperialistas vigentes em seu período. Em tal produção o autor desenvolve reflexões que permitem compreender melhor o cenário “civilizado” ao qual a realidade sertaneja é confrontada. Desse modo, levando-se em consideração o escopo de compreender uma configuração que não se encerra nos “sertões do norte”, algumas das ideias presentes nesses textos ajudam a interpretar o panorama ora analisado.

A hipótese levantada neste artigo é que a circunstância global da marcha imperialista terá uma profunda influência no texto de *Os sertões*. É a partir das demandas e dos termos ditados por esse contexto de disputas entre nações que Euclides da Cunha pensa o Brasil. Ademais, a própria compreensão do sertanejo como “o outro” nacional favorece uma reflexão sobre o lugar de fala do autor na complexa realidade brasileira, permitindo, também, uma análise sobre a relação do escritor com os antagonistas dos conselheiros na guerra sertaneja, as forças armadas. Euclides da Cunha é por vezes apontado como um autor que logrou projetar os ignorados sertões para o restante da nação. Que lançou um olhar profundo sobre o Brasil. A questão que orientará este artigo é: em que consistiu esse olhar? Que lentes mediaram a percepção do autor?

O cientificismo, tão presente nos meios letrados nacionais do final do século XIX, terá um considerável impacto sobre o pensamento euclidiano. É a partir dele que se pode compreender como o autor concebe o que seria “essencialmente” nacional. Isto porque

mesmo essa “essência”, entendida como algo autêntico, próprio do Brasil, deveria, na compreensão do autor, estar assentada em termos como raça e evolução. Assim, Euclides da Cunha procura traduzir essa autenticidade para os termos ditados pelas potências imperialistas, de onde emanavam teorias como o positivismo e o *spencerismo*, que tanto influenciaram o autor. Na realidade, mais do que estabelecer os termos dessa “essência” nacional, essa base cientificista será determinante para o próprio projeto de busca pela originalidade da nação, uma vez que a delimitação de uma base nacional autêntica, projetada a partir de enunciados raciais, figurava como uma “exigência” às nações mais jovens.

As formulações de Stavenhagen (2014), que concebia os fenômenos de dominação interna em vista de processos geopolíticos globais, ajudam a compreender o cenário que se configura a partir do modelo, elaborado por Euclides da Cunha, de inscrição das populações sertanejas na realidade nacional, e desta em uma perspectiva internacional, que, ao final do século XIX, caracterizava-se pelos avanços do imperialismo, ou seja, pela expansão das economias capitalistas em busca de novos mercados. Diante das disputas imperialistas no campo da propaganda científica, surge uma concepção de nação marcada por um discurso racial, que estabelece, para cada nação, uma raça específica, a qual procura se afirmar como detentora dos legítimos valores civilizacionais (COMAS, 1970). No Brasil, como aponta Schwarcz (2003), o debate sobre a nação será atravessado pelo tema da mestiçagem, figurando como uma preocupação da intelectualidade do início do século XX, a qual, admirada com os feitos das potências industriais, procurava situar o Brasil no contexto das disputas raciais.

Configura-se, na obra de Euclides da Cunha, um ideal nacional tensionado entre a busca por uma nação autêntica e pressupostos pretensamente universais. Essa tensão não era uma exclusividade do pensamento euclidiano. No seio da cultura militar, a forte adesão a uma retórica voltada para nação convive com compromissos e tendências originárias de outras países, os quais têm variado bastante desde o último quartel do século XIX, momento a partir do qual as forças armadas terão uma maior participação na política do país.

2 Formação militar e ciência

Quando foi à Bahia, em 1897, acompanhando a derradeira expedição militar contra Canudos, Euclides da Cunha, produziu uma série de reportagens, acerca do que testemunhara na Bahia. O conjunto dessas matérias jornalísticas compõe uma publicação posterior conhecida como *Diários de uma expedição*, tida como uma espécie de embrião de *Os sertões*. Essa série de reportagens, contudo, não eram os primeiros escritos do autor acerca da fraticida guerra nos sertões baianos. Antes mesmo de conhecer o palco dos conflitos da guerra sertaneja, Euclides da Cunha se apressara em condenar o arraial conselheirista, em um artigo intitulado *A nossa Vendéia*, que seguia o roteiro de ataques contra Canudos, já bastante disseminado na imprensa nacional da época.

Essa sequência de escritos de Euclides da Cunha revela algumas mudanças na perspectiva do autor em relação à Canudos. Em *A Nossa Vendéia* e nos *Diários de uma expedição*, ainda é bastante nítido o entusiasmo do autor com a recém proclamada República. Um entusiasmo apaixonado, que via nos seguidores de Antônio Conselheiro inimigos da “nossa República tão heroica”. Nos *Diários de uma expedição*, Euclides da Cunha manifesta seu fervor republicano até mesmo no que se refere às dificuldades logística enfrentadas pelo Exército nos sertões baianos. “Maiores milagres, porém, têm realizado o Exército nacional e a fé republicana” (LIMA, 2000, p. 14).

Em *Os sertões*, o texto euclidiano revela-se bem mais cético em relação ao Exército e à defesa da República. Lançada em 1902, portanto cinco anos após o fim da guerra contra Canudos, a obra maior de Euclides da Cunha não foi escrita no calor dos eventos, como o fora os *Diários de uma expedição*. A escrita de *Os sertões* foi mais lenta, mais sacrificante, na medida em que o autor procurou ajustar a realidade nacional a um arcabouço teórico que a tornasse cientificamente decifrável. Nesse sentido, o seu livro contribuiria para a integração das “terras ignotas” do país no panorama das ciências do período. Assim, Euclides da Cunha procurou abrir os caminhos para as investidas do método científico, de modo que ele próprio estaria a contribuir com os prodigiosos resultados advindos da Ciência. O antigo entusiasmo e paixão ainda estavam

presentes na narrativa euclidiana, só que agora direcionados para a Ciência. Caberia a ela a redenção nacional.

Assim, Euclides da Cunha vai além da mera utilização de teorias científicas ou de um vocabulário bastante técnico, para a promoção dos ideais em que acreditava. Ele próprio encarnou, cheio de romantismo, o ideal do cientista arauto do progresso e da verdade. Esse compromisso com a nação é uma marca não só do seu ideal de ciência, mas de sua obra como um todo. Pode-se dizer que Euclides da Cunha queria prestar um serviço para o Brasil, um serviço que só poderia, no seu entender, vir da ciência.

É bastante plausível que essa concepção “patriótica” da atividade científica advenha da formação militar do autor. A Escola Militar da Praia Vermelha, onde Euclides da Cunha graduou-se como engenheiro militar, destacou-se como um receptáculo de correntes de pensamento que “integram o cientificismo que se instalou na produção cultural brasileira da segunda metade do século” (SANTANA, 2001, p. 32). Ideologias como o positivismo, o spencerismo e o darwinismo, compunham um cabedal de conhecimentos acolhido com entusiasmo pelos jovens estudantes, que viam na ciência o bastião do progresso e da civilização. “A juventude estudantil militar era dominada por crença fanática no poder da ciência” (CARVALHO, 2017, p. 113).

A passagem de Euclides da Cunha pela Escola Militar fora bastante singular. O fervor republicano, que o jovem estudante adquirira no meio militar, o levou a realizar um ato de protesto em virtude da visita do Ministro da Guerra do Império à Escola da Praia Vermelha. Na hora da apresentação das tropas à autoridade presente, o jovem Euclides da Cunha tenta, de maneira frustrada, quebrar a espada que empunhava. Não conseguindo partir a arma, o estudante a joga aos pés do Ministro. O ato rendeu-lhe a expulsão da Escola da Praia Vermelha e uma certa notoriedade no meio republicano, a qual possibilitaria o retorno do jovem cadete à Escola Militar após a Proclamação da República.

Mesmo com seu regresso à Academia Militar, Euclides da Cunha não conseguiria se encaixar na carreira das armas, para a qual, cada vez mais, estava convencido de não ter vocação. A farda, confessava Euclides da Cunha, era “demasiadamente

pesada” (VENTURA, 2019, p. 118) para seus ombros. O “peso da farda” não diz respeito apenas a prática de um ofício, mas ao pertencimento a uma instituição que, como aponta Castro (2021), se configura a partir de uma diferenciação entre os “de dentro” e os “de fora”, entre o “nós” e o “eles”, abrangendo, para além de uma simples dimensão laboral, configurações morais, comportamentais e políticas.

Euclides da Cunha abandona o Exército em 1896. Não obstante a incompatibilidade que acreditava ter com a carreira das armas, a Academia Militar representou para Euclides da Cunha, bem como para muitos outros jovens provenientes de famílias pobres daquele período (SODRÉ, 2010), uma oportunidade de estudo. Cabe ressaltar, nesse sentido, que até mesmo as bases da adesão à República, por parte de Euclides da Cunha, não estavam dissociadas do ideário racionalista que ele conhecera na Escola da Praia Vermelha. Em sua opção pela República, pesava uma compreensão evolucionista de que o regime republicano, em comparação à Monarquia, faria parte de um estágio mais avançado de sociedade. Destarte, a construção de um regime republicano faria parte de uma trajetória, orientada pela ciência, em direção ao progresso da humanidade.

Em *Os sertões*, essas teorias, que indicavam o caminho do progresso através da ciência, serviam de esteio para a ampla gama de conhecimentos científicos presentes na obra. A Escola Militar da Praia Vermelha oferecia um vasto e eclético currículo em Ciências, o que, segundo Santana (2002), influencia várias áreas do conhecimento em *Os sertões*. Na Escola Militar, Euclides da Cunha teve contato com disciplinas como:

[...] química orgânica, mineralogia, geologia, botânica, arquitetura civil e militar, construção de estradas, desenho topográfico, ótica, astronomia, geodésia, administração militar, tática e estratégia, história militar, balística, mecânica racional, tecnologia militar e matemáticas (SANTANA, 2002, p. 201).

Em *Os sertões*, Euclides da Cunha procura explorar uma vasta gama desses conhecimentos, dando especial destaque para a geografia, a botânica, a geologia, a mineralogia e a etnografia. Na obra maior do célebre escritor, esse compêndio de saberes

científicos parece convergir para uma teoria central, a de que no processo de formação do povo brasileiro as populações sertanejas constituiriam uma subcategoria étnica já formada. Para explicar essa hipótese, o autor se vale, inclusive, de uma metáfora retirada da geologia. Assim, os sertanejos seriam “a rocha viva da nacionalidade” (CUNHA, 2016b, p. 627). Euclides da Cunha procura esmiuçar a sua teoria: “neste composto indefinível — o brasileiro — encontrei alguma coisa que é estável, um ponto de resistência recordando a molécula integrante das cristalizações iniciadas” (CUNHA, 2016b, p. 627).

Cabe notar como o autor trata a hipótese levantada como uma “descoberta” sua. “*Encontrei* alguma coisa que é estável”. Os sertanejos, à moda das expedições colonialistas, teriam sido “descobertos” por Euclides da Cunha. Seria a “descoberta” de um novo Brasil, ou antes, de um verdadeiro Brasil, posto que se tratava da “rocha-viva”, da “essência” da nação. Apesar do discurso essencialista, Euclides da Cunha esperava desdobramentos práticos de sua descoberta. Afinal, como ressalta Lima (2000, p. 04) “para Euclides, a ciência importava por seus resultados”.

Na formação militar moderna, o campo de batalha representa um laboratório, para onde são enviados especialistas das mais variadas áreas (DOMINGOS NETO, 2019). Em *Canudos*, Euclides da Cunha não apenas clamara pela ação de especialistas nas frentes de combate, indicando uma deficiência que Sodré (2010) vai apontar como sendo o resultado de más administrações que irão “deteriorar” o Exército, como o próprio autor de *Os sertões* procurou cumprir o papel de “especialista”, produzindo uma obra que apresentasse diversos aspectos de uma região pouco conhecida pelos habitantes das capitais litorâneas. Um compêndio de saberes chancelados pelas ciências tão defendidas pelo autor.

Diante das demandas do cientificismo, pode-se concluir como Euclides da Cunha encontrou no sertanejo, em sua “estabilidade”, algo realmente singular. Essa concepção racial acerca das populações sertanejas serviu como resposta a uma questão que o escritor enfrentara quando conhecera a realidade de *Canudos*: como uma comunidade pobre e mal armada conseguira resistir às investidas de um exército regular?

Certamente, faltavam dados práticos para o escritor fluminense responder a essa questão. Nesse contexto, incide o fato de Euclides da Cunha ter passado pouco tempo nos sertões baianos, tendo que se retirar em virtude de problemas de saúde. Outro ponto importante é a própria posição do escritor no palco da guerra. Os correspondentes jornalísticos, como ressalta Bartelt (2009), estavam sempre expostos ao crivo e à censura dos militares. Não por acaso, muitos desses correspondentes eram oriundos dos quadros das forças armadas, da ativa ou reformados. “Era previsto, por assim dizer, institucionalmente, que eles subordinassem sua identidade jornalística à militar: sua perspectiva era a do Exército e do nós” (BARTELT, 2009, p. 199).

O fato é que Euclides da Cunha, na produção de *Os sertões*, procura suprir essa carência através do recurso a diversos estudos sobre as terras sertanejas. Ademais, o autor recorre ao referencial teórico cientificista de que dispunha, para apresentar uma explicação geral não apenas sobre os campos de batalha da guerra em Canudos, mas referente à realidade do Brasil como um todo. Não obstante, Euclides da Cunha mantém a perspectiva do “nós” e do “eles”, repercutindo a divisão básica do campo de batalha. Ele fala em nome da República e da civilização e, ainda que suas ideias sobre tais conceitos não convergissem de todo com as dos florianistas do Exército, elas também revelavam uma forte ênfase na oposição civilização-barbárie, cuja origem aponta padrões ditados pela Europa.

É sobre essa lógica do “nós contra eles” que irá se assentar o ideal de nação militar, fazendo pouca distinção entre o inimigo externo e o discordante interno. Trata-se, como aponta Domingos Neto (2019, p. 29), de uma concepção corporativa de nação, que não se atém a “questões sociais”, as quais procura dissociar das “questões nacionais”, que representam os interesses “dos que detêm ou querem deter a hegemonia no Estado, entre os quais se destaca o estamento militar”. Acerca dessa divisão entre “o nacional” e “o social”: “A segmentação entre o “social” e o “nacional” amesquinha demandas dos “de baixo” que os “de cima” não querem atender” (DOMINGOS NETO, 2019, p. 29).

Euclides da Cunha encarava com desconfiança o nacionalismo exaltado dos militares. Além disso, o autor procurou compreender as razões sociais dos conflitos em Canudos, denunciando o

abandono em que viviam as populações sertanejas. Todavia, grande parte dos esforços de escritor voltam-se para encaixar, no discurso admitido pelas ciências, o tipo estável de sertanejo que ele “encontrara”. E os esforços do autor, nessa direção, são significativos, sobretudo, porque ele sequer questiona os fundamentos das teorias raciais de que se apropria. Assim, o autor parte de uma premissa absoluta: a miscigenação degenera. Dela, decorreriam indivíduos desequilibrado, sem um caráter fixo. Como, então, tipificar as miscigenadas populações sertanejas no quadro das raças com características definíveis? Para isso, o autor investe na ideia do isolamento do sertanejo. Este, livre da variadas de influências étnicas do litoral, bem como de uma sociedade com maiores exigências civilizatórias, as quais lhe seriam igualmente nocivas, seria um “retardatário”, não um “degenerado”.

É desse isolamento que se forma “a rocha viva da nossa raça”, o seio da rocha, que, dentro dessa metáfora geológica, seria o sertanejo. Assim, em *Os sertões*, “o interior do país assume as feições do interior da própria terra” (SANTANA, 2002, p. 213), que, após uma sucessão de camadas heterogêneas, apresentaria um núcleo uniforme.

É notório como Euclides da Cunha se agarra à ciência até mesmo na formulação de metáforas. Nesse sentido, o discurso geológico pode ter servido como um porto seguro para o autor, que, como lembra Santana (2002), acumulara muitas leituras dessa ciência em seus tempos de Escola Militar. Fica patente, também, a primazia de um padrão explicativo oriundo das ciências naturais. O modelo geológico utilizado como ilustração sugere, de diversas formas, a ânsia do autor por ordem, tanto no que se refere à organização em camadas do quadro étnico da população brasileira, quanto pelo caráter recôndito do “mestiço”, que figurava quase como uma preciosidade no interior da terra.

Na realidade, se considerarmos o “achado” do autor, podemos perceber que Euclides da Cunha vislumbrava uma ordem que excedia as fronteiras nacionais. Isso porque o tipo “estável” encontrado poderia, “em dilatado futuro”, significar um passaporte de entrada para o Brasil “no concerto das nações civilizadas”, uma vez que cumpriria as exigências das ciências de então. Destarte, se

o isolamento responde à pergunta de “como” seria possível enquadrar o sertanejo dentro do quadro racial admitido pela ciência, o ingresso nessa ordem mundial responderia a pergunta de “para quê?”. Para que tanto esforço intelectual orientado na promoção desse “mestiço estável”? Lima ressalta as exigências políticas que motivaram tamanho empenho:

Em síntese, a ausência de um tipo antropológico único e a exigência que a antropologia biológica fazia às nações novas de que o apresentasse como carta de entrada no concerto das nações civilizadas, obrigava Euclides a encontrá-lo (LIMA, 2002, p. 356).

3 Imperialismo: entusiasmo e cautela

Diante das exigências às novas nações, percebe-se a continuação das relações de dominação estrangeira, que não cessam com o fim dos períodos coloniais, mas que se manifestam de outras maneiras. Nesse contexto, fica evidente que a análise da obra de Euclides da Cunha a partir do antagonismo entre as duas sociedades que, segundo o próprio autor, se enfrentam nos sertões baianos, não compreende o cenário geral em que ocorre esse choque. Uma análise mais acurada do pensamento do próprio Euclides da Cunha fornece subsídios para uma investigação do contexto global em que se desenvolvem as relações entre esses polos “opostos”. Nesse sentido, são bastante elucidativas as considerações de Stavenhagen (2014) acerca das limitações das teses que apontam o dualismo das sociedades latino-americanas:

[...] as relações mútuas que conservam entre si as regiões e os grupos “arcaicos” ou “feudais” e os “modernos” ou “capitalistas” representam o funcionamento de uma só sociedade global da qual ambos os polos são partes integrantes (STAVENHAGEN, 2014, p. 160).

Euclides da Cunha, está muito claro, não reconhecia essa integração dos “grupos arcaicos” à “sociedade global”. Não obstante, a posição de exotismo, exclusão e retrocesso que o autor conferia aos sertanejos era um lugar já consagrado dentro da ordem imperialista de então, que instituía tais posições como justificativa

para a sua própria existência. A missão civilizadora das nações imperialistas demandava, portanto, povos selvagens. Said (2011) ressalta como as referências a esses lugares de exclusão eram bastante comuns nas narrativas que abordavam os chamados “fatos do império”, os quais eram, “no encerramento do século XIX”, uma preocupação universal”. Nesse sentido, ressalta o intelectual palestino: “Os fatos do império estão associados à posse sistemática, a espaços vastos e por vezes desconhecidos, a seres humanos excêntricos ou inaceitáveis” (SAID, 2011, p. 119).

O discurso euclidiano compreende os sertanejos dentro dos moldes da ordem imperialista de então. Uma ordem que avançava, na interpretação do escritor, com a força de uma lei da natureza, cientificamente respaldada pelo “esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”, que Euclides da Cunha deduzia da leitura de um certo Gumplowicz, referido, em *Os sertões*, como “genial”. O autor propõe, para o Brasil, algo como uma inserção segura nessa “marcha dos povos”, através da valorização da essência nacional. Euclides da Cunha não parece atentar para o fato de que o seu acolhimento às teorias em questão, por mais criativo que fosse, já revelava um país encerrado nas esferas de dominação estrangeiras e, de uma tal forma, que nem o permitia abandonar o arcabouço ideológico estrangeiro, que Sodré (1984) denominou de Ideologia Colonialista. “Sumariamente, nos fins do século XIX, tal ideologia reunia tudo o que justificava a exploração: conceitos de clima, conceitos de raça, conceitos de civilização” (SODRÉ, 1984, p. 99).

Como aponta Haje (2016, p. 235), Euclides da Cunha aplica o seu darwinismo ao cenário internacional, “em que os Estados fortes sobressaem na luta em meio a uma ordem internacional desigual”. Essa compreensão comprometia bastante as ideias do autor de *Os sertões* acerca do Brasil no cenário internacional. E, nesse contexto, cabe ressaltar que Euclides da Cunha é, no começo do século XX, um dos autores brasileiros mais atentos às questões geopolíticas. Fato que está bastante relacionado à formação militar do escritor, que, em muitos artigos que publicou, apresenta um amplo conhecimento acerca das mobilizações e estratégias militares então em curso pelo mundo, bem como das questões centrais da política internacional do começo do século XX. Para

além dos escritos, Euclides da Cunha, entre os anos de 1904 e 1905, teve uma atuação prática, na condição de engenheiro militar, em questões envolvendo as fronteiras do Brasil com alguns de seus vizinhos sul-americanos, circunstância que favoreceu a produção de *À Margem da História*, obra sobre a região amazônica, oriunda de um antigo projeto do escritor de conhecimento da floresta (ROLAND, 2018).

Em seus escritos sobre política internacional, Euclides da Cunha demonstra lucidez, por exemplo, ao revelar, cheio de ironia, a inaplicabilidade de certas pretensões expansionistas alemãs direcionadas ao sul do Brasil. Todavia, em vista das tendências expansionistas das nações imperialistas, o autor não deixa de reconhecer a ameaça que uma desmedida influência estrangeira poderia representar ao Brasil. Diante de tal ameaça, Euclides da Cunha, no que se refere, por exemplo, à vinda de imigrantes europeus para o Brasil, se diz defensor de uma postura que entende como “prática”, a qual recomenda cautela ante o estrangeiro, sem deixar de reconhecer que “não podemos ainda dispensar a energia europeia mais ativa e apta, para que se desencadeiem as nossas energias naturais” (CUNHA, 2016a, p. 121).

A postura “prática” surge em meio a um discurso que naturaliza as diferenças entre os grupos humanos e legitima, não apenas os movimentos migratórios, mas também a expansão imperialista, a qual surge como o produto de “energias superiores” que se dilatam. Assim, o avanço de nações como a Inglaterra e os Estados Unidos seria inevitável. Tratava-se do “pendor atual e irresistível das raças fortes para o domínio, não pela espada, efêmeras vitórias ou conquistas territoriais – mas pela infiltração poderosa do seu gênio e da sua atividade” (CUNHA, 2016a, p. 123).

Por essa passagem, percebe-se que Euclides da Cunha tinha uma visão, no mínimo, otimista da corrida imperialista, da qual, como apontou Sodré (1984), captara os movimentos, mas não conseguira apreender a essência. O fato é que o escritor, munido de seu darwinismo social, vislumbrava, nos avanços imperialistas, a tendência de uma expansão de ordem econômica, a suplantá-la, inclusive, as hostilidades bélicas entre as nações. É a “pleto-rra de forças, que, na ordem econômica, caracteriza o moderno

imperialismo” (CUNHA, 2016a, p. 24). Essa perspectiva otimista em relação às expansões imperialistas despreza o fato de que o “espírito científico” que justificava os avanços no plano econômico, também “serve de desculpa” para as hostilidades militares, pois, como aponta Comas (1970, p. 16): “Na política internacional o racismo serve de desculpa à agressão, pois o agressor não mais se sente preso a qualquer consideração que o ligue a estrangeiros pertencentes ‘raças inferiores’”.

O exemplo mais notório da complacência de Euclides da Cunha com os avanços imperialistas é, certamente, o entusiasmo que o autor manifesta em relação à política externa estadunidense, encabeçada por Theodore Roosevelt. O escritor, cujas convicções positivistas o compeliavam a criticar o recurso às armas, tido como próprio de estágios inferiores do desenvolvimento humano, parecia ignorar o caráter autoritário e belicoso dessa política, conhecida como *Big stick*, na qual as negociações diplomáticas não dispensavam a evidente demonstração de força. Em suma, uma diplomacia na qual prevalecia o argumento do poderio militar. Euclides da Cunha minimiza os temores em relação à essa política, posto que o que estaria a avançar com a presença estadunidense seria “o curso irresistível de um movimento industrial incomparável” (CUNHA, 2016a, p.102).

Por um lado, Euclides da Cunha propõe uma postura de precaução ante as influências estrangeiras, por outro, o autor parece legitimar o cenário de avanços imperialistas. Sobre essa contradição, Haje (2016, p. 235) aponta a hipótese de que talvez o escritor visse naqueles “Estados[imperialistas] um exemplo, como sobreviver com sucesso”. Tal postura, que talvez possa parecer ingênua, não era uma particularidade do autor. O imperialismo avançava, também, a partir de tenaz propaganda, cujos efeitos eram bastante visíveis entre as elites coloniais ou de passado colonial:

A verdade é que admiradas com o grande desenvolvimento econômico e militar das potências europeias, as elites coloniais ou de passado colonial (exceto os EUA), começaram realmente a admitir o modelo europeu como padrão absoluto. Daí também como corolário admitiam a sua teoria das raças (SEVCENKO, 2003, p. 146-147).

Quanto ao plano interno, a admissão das teorias raciais europeias trazia preocupações, afinal a “hibridação” das raças não eram bem-vistas nesse panorama teórico. As elites letradas brasileiras, como as da América Latina de um modo geral, no final do século XIX e início do século XX, “ora encontravam uma nação a admirar, ora se debruçavam com temor sobre seu país” (SCHWARCZ, 2003, p. 170). É, nesse contexto, que surgem as teorias da mestiçagem, que buscam estabelecer “o ladino ou cholo ou mestizo (ou o mulato em certos casos), que leva dentro de si a ‘essência da nacionalidade” (STAVENHAGEN, 2014, p.166), como elemento capaz de promover a integração da sociedade, sem que isso constitua uma mudança na estrutura social. Até porque a idealização desse elemento amalgamador decorre ora da promoção, ora da exclusão de determinados componentes da sociedade, em um processo que apenas ratifica as estruturas de segregação étnica:

[...] a tese da mestiçagem atribui a certos elementos da população (definidos arbitrariamente de acordo com critérios por demais (limitados) capacidades ou características que não possuem ou, se as têm, são alheias aos critérios biológicos ou culturais que serviram para defini-lo (STAVENHAGEN, 2014, 167).

4 Projeto civilizatório

A obra de Euclides da Cunha apresenta uma grande ênfase na questão da integração nacional, uma preocupação também frequente entre os militares no período republicano. Nas forças armadas, tal questão se manifestou na promoção de obras viárias e de comunicação pelo país, algo que Euclides da Cunha preconizava em *Os sertões*: o aproveitamento dos “caminhos abertos à artilharia”. Da recomendação do escritor, depreende-se a ideia das forças militares como batedoras do progresso, concepção também presente em sua análise acerca dos avanços imperialistas: “Redime-lhe todas as culpas e as grandes brutalidades da força esta empresa maravilhosa, que é uma espécie de reconstrução da terra [...]” (CUNHA, 2016a, p. 57).

O fato é que, para Euclides da Cunha, a unidade do Brasil era apenas uma formalidade, estando o país, na realidade, fragmentado em unidades desconexas, separadas no tempo e no espaço. Em *Os sertões*, o autor apresenta uma separação basilar, duas formações históricas desenvolvidas em “completo divórcio”, o Sul e o Norte do Brasil. As distintas condições ambientais desses dois espaços contribuíram para a configuração de destinos diferentes, com o Norte imobilizado sobre “o velho agregado colonial”, enquanto o Sul partia para a ação conquistadora e emancipatória, resultante do caráter mais “autônomo” de sua gente.

Acerca do modo como Euclides da Cunha interpreta as distinções entre o Sul e o Norte do Brasil, são elucidativas as considerações de Bartelt (2009), evidenciando o protagonismo exercido pela porção meridional do país, bem como a perspectiva racial que se destaca nessa preponderância sulista: “Isso vale tanto para a atualidade quanto para a história: o sul branco ou mais branco dá sempre as cartas” (BARTELT, 2009, p. 333).

Levando em consideração a tendência, comum no início do século XX, de pensar a nação a partir de recortes regionais, Albuquerque Júnior (2011, p. 66) ressalta que *Os sertões* “é um livro que fornece imagens e enunciados para os diferentes discursos regionais”. Nesses termos, a interpretação euclidiana subsidiará, no início do século XX, até mesmo o crescente regionalismo paulista, uma vez que os tão celebrados vaqueiros nortistas seriam “colaterais prováveis dos paulistas”, que em suas investidas pelo interior do país, nas decantadas bandeiras, se insularam nos sertões do Norte. Desse modo, o autor estabelece um liame não apenas entre o Norte e o Sul, mas também entre o passado e o presente da nação, atualizando o mito do bandeirante desbravador.

Euclides da Cunha recorre ao discurso da essência, do mito, ainda que revestido de uma aura de ciência. Tal recurso constitui um artifício usual na narrativa euclidiana, que, diante de limitações das explicações científicas, utiliza o discurso mítico, o qual estabelece não mais relações lógicas, ou intelectivas, mas afetivas, ou mesmo passionais (LIMA, 1997). Tudo camuflado na mais respeitável “armadura científica”. Sobre o emprego e a marginalidade da narrativa mítica em *Os sertões*, Lima (1997, p. 55) destaca:

“[...] o mito só podia se esgueirar pela porta dos fundos, como se fosse um criado a que se fizesse de conta que não se reconhecia”.

Entretanto, essa paradoxal aliança entre mito e ciência não era uma exclusividade da obra de Euclides da Cunha. Embora no caso do autor de *Os sertões*, esse tipo de recurso criativo possa parecer bastante flagrante, dada a desfavorável posição dos mestiços dentro das “teorias raciais” admitidas, o fato é que as teses que proclamavam as glórias das raças nacionais europeias partiam de fundamentações mirabolantes, nas quais o mito está bastante presente, idealizando origens e destinos, bem como estabelecendo fantasiosas fronteiras étnicas:

Embora já fosse errado afirmar a pureza biológica de uma classe social, era absurdo ainda maior defender a pureza racial de uma nação. Não obstante entre os franceses, alemães e demais anglo-saxões, homens de letras, políticos e pseudocientistas eram vistos dedicando toadas as suas energias em demonstrar que os triunfos de sua civilização se deviam exclusivamente às respectivas raças (COMAS, 1970, p. 40).

O tipo que Euclides da Cunha concebe como essência da nação é tão fantasioso quanto o ariano ou o tipo anglo-saxão, e construindo também sobre a perspectiva belicista de guerreiros a medirem forças, a qual pode ser verificada, por exemplo, na comparação que o autor faz entre o sertanejo e o gaúcho, utilizando, na caracterização dos dois tipos, argumentos extraídos de uma retórica marcial, que procurava sintetizar, a partir de uma estética militar, os valores das populações descritas. Assim, ao “romanesco e glorioso gaúcho”, Euclides da Cunha opõe um “tenaz e resistente” jagunço. Tal padrão de comparação não estava restrito aos sertões ou aos pampas, “[...] qualquer organização militar deve refletir alguma coisa do temperamento nacional” (CUNHA, 2016b, p. 261).

A construção euclidiana molda o sertanejo em vista das conveniências da proposta civilizatória defendida por Euclides da Cunha, que se não é aquela defendida pelo Exército, tampouco pode ser representada pelos conselheiristas. Estes, apesar da complacência demonstrada pelo escritor, não exercem um papel relevante na construção do projeto nacional defendido pelo autor.

Quiçá viessem a exercer, em “futuro remoto”. Àquele tempo, ao menos, não eram eles os inimigos da República, conclui o autor, ressaltando a suposta inépcia dos sertanejos em compreender tanto o regime republicano, quanto o monárquico-constitucional. Segundo Euclides da Cunha, o modelo sociopolítico vigente em Canudos seria compatível com o atrasado estágio evolutivo em que se encontravam aquelas populações:

[...] o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como a monárquico-constitucional. Ambas lhe são abstrações inacessíveis. É espontaneamente adversário de ambas. Está na fase evolutiva em que só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro (CUNHA, 2016b, p. 211).

O arraial de Canudos constitui um marco no posicionamento de Euclides da Cunha. É notório como o tratamento dispensado à comunidade sertaneja estabelece um ponto de inflexão entre o escritor e o Exército. Todavia, talvez seja nas críticas às ações armadas em Canudos onde mais explicitamente se manifeste a perspectiva militar do autor, que estudara bastante os movimentos das tropas nos sertões baianos. Euclides da Cunha não poupa críticas às precárias estratégias e à falta de conhecimento do Exército sobre as áreas onde se desenvolveram os combates da guerra sertaneja. Assim, aquilo que o autor percebia de maneira muito nítida nos conselheiristas, a saber, o domínio e a adaptação ao meio, seria um ponto bastante vulnerável dos militares em Canudos.

Contudo, a crítica mais contundente do autor se volta à violência praticada contra os sertanejos na Bahia. Diante do morticínio em Canudos, Euclides da Cunha ressalta que “os canudenses deviam ter sido tratados à cartilha e não à bala, concluindo pela falácia ilustrada de ver na educação a panaceia para a iniquidade” (GALVÃO, 2015, p. 78). Mais do que uma simples recomendação, é possível captar nesse posicionamento o engajamento do autor com a causa do “progresso”, a qual também era compartilhada por outros “missionários”, muitos dos quais também oriundos das Academias Militares.

No Brasil do final do século XIX, a subordinação das populações marginalizadas a um projeto central de desenvolvimento

entrava no escopo daqueles que Carvalho (2017) denominou de “missionários” da civilização. Estes eram cientistas e jacobinos políticos, cujas ações compreendiam o “recurso a métodos que violavam direitos.” Tais procedimentos destinavam-se a populações compreendidas como incapazes de discernirem as diretrizes da civilização, determinadas pelo saber científico e pelo progresso. Entre esses missionários, Carvalho inclui o Marechal Rondon, companheiro de Escola Militar de Euclides da Cunha, e o médico sanitaria Osvaldo Cruz, promotor de uma campanha de vacinação, cujo “êxito” deveu-se justamente ao caráter violento da empreitada. “O moto da época foi expresso por Euclides da Cunha em *Os sertões*: ‘Ou progredimos ou desaparecemos’” (CARVALHO, 2017, p. 143).

É bastante significativo que o autor clame por livros e “cadernetas” para os canudenses, mas omita o fato de que a atividade educacional não era negligenciada em Canudos, que contava com uma professora “que enfrentava o desafio de dar aulas remuneradas pelas famílias dos alunos” (BARTELT, 2009, p. 75). O próprio Conselheiro, antes de se entregar à carreira religiosa, fora, entre outras coisas, professor. Apesar de singelos, tais dados contrastam com “o projeto maior de Euclides, que exigia inserir o todo do Belo Monte sob o tópicio da rude ignorância” (VASCONCELLOS, 2017, p. 200).

A Escola Militar da Praia Vermelha, que tanto contribuiu para a formação de Euclides da Cunha, era conhecido como o “tabernáculo da ciência”, o que remete a um tom de sacralização do saber científico. O autor de *Os sertões*, apesar de bastante influenciado pelo positivismo, não fora um adepto da chamada religião da Humanidade, que reuniu alguns dos adeptos mais ortodoxos da doutrina criada por August Conte. Todavia, o pedestal em que o autor colocava o “progresso linear e inelutável da humanidade” o conduzia a posicionamentos bastante controversos em relação àqueles que se desviavam da linha evolutiva “normal”. Segue um trecho de *Os sertões*, no qual o autor, mesmo criticando as ações das forças de segurança em Canudos, parece colocar a sua ânsia por desenvolvimento acima das razões humanitárias que guiam o seu protesto:

Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários (CUNHA, 2016b, p. 496).

Dentro da concepção linear de progresso defendida pelo autor, não havia espaço para Canudos. Para esta, nunca houve salvação na narrativa euclidiana. Ainda que o escritor tenha desferido severas críticas às ações do Exército na Bahia, em nenhum momento ele vislumbra a possibilidade da manutenção de Canudos. A ambiguidade que o autor manifesta em relação às populações sertanejas, ou à natureza dos sertões, não existe em relação ao arraial. A comunidade era a síntese do atraso e do fanatismo que vitimavam os sertões.

Na realidade, o texto de *Os sertões*, de certa forma, “conclui” o trabalho do Exército, ao narrar uma completa extinção do arraial. Ao final da narrativa, Euclides da Cunha substitui qualquer louvor à “vitória” da República pela denúncia das atrocidades cometidas. O tom é de profunda lamentação. Encerrava-se ali uma triste página da história brasileira. “Fechemos este livro”. Não obstante, em 1910, sobreviventes da guerra sertaneja irão construir uma segunda Canudos, no mesmo local onde fora erguido o arraial conselheirista. Apenas um ano após a trágica morte de Euclides da Cunha.

Euclides da Cunha não vislumbrou essa possibilidade. No encerramento de seu célebre livro, o autor apresenta o desfecho de uma tragédia. Não havia do que se orgulhar naqueles acontecimentos. Euclides da Cunha apontara-lhes as causas. E entre elas estava o “fanatismo”, a “ignorância” e a “superstição”. Canudos era, portanto, parte da tragédia. Apontar a possibilidade de reconstrução do arraial era dar continuidade ao desastre. Era deixar o livro em aberto, dando margem à desordem:

Os critérios de Euclides para determinar a divisão entre bem e mal são claros [...]. Se era mal deixar correr solta a fantasia popular em torno da capacidade de resistir a imposições do governo, bem era fazer uma versão que enterrasse de uma vez por todas tal visão. Bem era, portanto, a perspectiva totalitária, a ação totalitária, a versão totalitária (KOTHE, 2002, p. 257).

Os sertões, obra maior de Euclides da Cunha, está repleta de cenas heroicas. As detalhadas descrições que o escritor faz dos sertanejos remetem a seres titânicos, flagrados em batalha. Todavia, o curioso é que o próprio Euclides da Cunha, que ainda nos tempos de Escola Militar demonstrou uma inclinação para o gesto inflamando e contundente, como fica claro no incidente da quebra do sabre, assume uma posição heroica, ao procurar estabelecer uma obra que englobasse os acontecimentos de Canudos em uma perspectiva “totalitária”, a enquadrar a terra e a gente dos sertões.

Não seria difícil traçar um paralelo entre a produção de *Os sertões* e o impetuoso gesto de protesto do estudante militar. Em ambas as empreitadas, percebe-se a contundência, a coragem e a determinação de Euclides da Cunha. Mas, além de tudo, os esforços se aproximam também pela fragilidade da posição do escritor, que se propôs a realizar tarefas que estavam além de suas forças e possibilidades.

5 Considerações finais

Miguel de Cervantes, no seu célebre *Dom Quixote de la Mancha*, estabelece um paralelo entre o ofício das letras e o das armas, em uma passagem na qual percebe-se uma forte ênfase autobiográfica. Grande admirador do Quixote, Euclides da Cunha também esteve dividido entre a pena e a espada. No autor de *Os sertões*, essas duas dimensões não são facilmente dissociáveis uma da outra, o que se percebe em muitos aspectos da obra do escritor fluminense.

A relação de Euclides da Cunha com o Exército foi bastante conturbada, a tal ponto que o escritor renuncia à carreira militar em 1896, com poucos anos de carreira como militar formado. As cartas de Euclides da Cunha a pessoas próximas dão testemunho de sua insatisfação com a carreira militar. Ainda assim, o Exército continuou bastante presente na vida e na obra de Euclides da Cunha, quer seja por meio de eventos significativos em sua trajetória, mas também através do ideário defendido pelo escritor, o qual repercutiu muito da sua formação de bacharel fardado.

Em Canudos, Euclides da Cunha testemunha um crime: milhares de sertanejos massacrados, em uma luta de brasileiros contra brasileiros. Denunciou, em *Os sertões*, o massacre ao povo do

Conselheiro e o abandono em que viviam as populações do interior do país. Em seu célebre livro, contudo, a defesa aos sertanejos se dilui em uma interpretação determinista da realidade, que limita o protagonismo daqueles a quem Euclides da Cunha pretendia “vingar”, na medida em que os descreve como “retardatários” à margem da civilização.

Não obstante as pretensões “heroicas” de Euclides da Cunha, *Os sertões* não constituem o relato de alguém que se posiciona como um “salvador”. Ao longo das centenas de páginas do livro “vingador”, o autor procura dar voz à “ciência” e à “civilização”. É em nome destas que Euclides da Cunha se sacrifica, em abnegada e comovente devoção. Delas viria a salvação. Em *Os sertões*, o escritor lança a sua profissão de fé, repleta de dogmas, mandamentos e uma clamorosa profecia: “ou progredimos, ou desaparecemos”, tão catastrófica e fatal quanto “o mar vai virar sertão”, daqueles de quem o escritor fluminense denunciara o “fanatismo”. Denunciou, também, os “fanáticos” do Exército e da República, que perpetraram os crimes contra o povo de Canudos. Euclides da Cunha, no entanto, não refletiu sobre o teor de suas próprias crenças. Pelo contrário, ergueu para elas um grande monumento em formato de livro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011
- BARTELT, D. D. **Sertão, república e nação**. São Paulo: USP, 2009.
- CARVALHO, J. M. de C. **O pecado original da república**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- CASTRO, C. **O espírito militar**: um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro: Zahar, 2021,
- COMAS, J. Os mitos raciais. In: _____. **Raça e ciência I**. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 29 – 48.
- CUNHA, E. da. **Contrastes e confrontos**. São Paulo: Via Leitura, 2016a.
- _____. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2016b.
- DOMINGOS NETO, M. Sobre o patriotismo castrense. **Perseu**, a. 13, n. 18, p. 13 – 35, 2019.
- FREYRE, G. **Seleção para jovens**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

GALVÃO, W. N. Euclides da Cunha, precursor. In: PEREIRA, J. B. B.; QUEIROZ, R. da S. (orgs.). **Messianismo e milenarismo no Brasil**. São Paulo: USP, 2015. p. 19 – 35.

HAJE, J. A. A. Uma questão brasileira em Euclides da Cunha: princípios de geopolítica em uma região em disputa. **Carta Internacional**, v. 11, n. 2, p. 222 – 242, 2016.

KOTHE, F. Declives da Cunha. In: FERNANDES, R. (org.). **O Clarim e A oração**: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração, 2002. p. 56 – 74.

LIMA, L. C. **Euclides da Cunha**: contrastes e confrontos do Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

_____. Euclides: Ruínas e identidade nacional. In: FERNANDES, R. (org.). **O Clarim e A oração**: cem anos de *Os Sertões*. São Paulo: Geração, 2002. p. 75 – 91.

_____. **Terra ignota**: a construção de *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

ROLAND, A. M. Itinerários de Euclides da Cunha pelos sertões sul-americanos: visões do estrategista e do poeta. **Tensões Mundiais**, v. 4, n. 7, p. 40–111, 2018.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SANTANA, J. C. B. de. A construção do discurso científico de Euclides da Cunha: análise da Geologia em Os sertões. In: FERNANDES, R. (org.). **O Clarim e a oração**: cem anos de *Os Sertões*. São Paulo: Geração, 2002. p. 39 – 54.

_____. **Ciência e arte**: Euclides da Cunha e as ciências naturais. São Paulo; Feira de Santana: Hucitec; UEFS, 2001.

SCHWARCZ, L. M. O espetáculo da miscigenação. In: DOMINGUES, H. M. B.; SÁ, M. R.; GLICK, T. **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 66 – 81.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural da Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, N. W. **A ideologia do colonialismo**: seus reflexos no pensamento brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **História Militar do Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

STAVENHAGEN, R. Sete teses equivocadas sobre a América Latina. **Sociedade e Cultura**, v. 17, n. 01, p. 159-169, 2014.

VASCONCELLOS, P. L. **Arqueologia de um monumento**: os apontamentos de Antônio Conselheiro. São Paulo: É Editora, 2017.

VENTURA, R. **Euclides da Cunha**: esboço biográfico. São Paulo: Companhia das letras, 2019.